

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA (NÍVEL SEGMENTAL) NO PORTUGUÊS FALADO PELOS JAPONESES NA REGIÃO DE CAMPINAS (\*)

Elza Taeko Doi

Embora os casos de interferência no nível segmental possam ser levantados através do confronto entre os dois sistemas em questão, verificamos que, em termos reais, nem todas as formas previsíveis se concretizam. Poderíamos com isto, levantar a hipótese de que estes casos de interferência baseados na previsão ocorreriam na fase inicial do contacto com a nova língua, quando o falante produz os segmentos da língua secundária baseados nos processos fonológicos da sua língua primária. No caso do Português falado pelos japoneses, considerando que a mora é a menor unidade fonológica de que estes falantes têm consciência, os segmentos do Português seriam interpretados com base nesta unidade constituída principalmente de (C)V, e não em unidades segmentais.

O nosso objetivo neste capítulo é examinar:

- 1 os segmentos do Japonês que interferem freqüentemente no Português, falado pelos japoneses, e os segmentos que não sofrem interferências;
2. as condições sob as quais se verificam ou não estes casos de interferência.

Para a realização desse trabalho gravamos a fala informal dos japoneses residentes no município de Campinas. Os informantes, em número de dez, são provenientes de Gunma(2)<sup>1</sup>, Shizuoka(1), Kochi

---

(\*) Parte da dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (1983).

(1), Nagano (1), Fukuoka (2), Hiroshima (1), Okayama (1), Miyagui (1). O tempo de gravação da entrevista girou em torno de 15 a 30 minutos. Desta gravação, os 10 a 15 minutos iniciais foram transcritos foneticamente empregando-se o sistema de transcrição do I.P.A.

Da análise dos dados podemos levantar o seguinte quadro comparativo entre as manifestações segmentais verificadas no Português dos nossos informantes e as interferências previsíveis baseadas no confronto dos dois sistemas fonológicos em questão: Português e Japonês.

Segmentos do Port.	Segmentos do Japonês	Realização Previsível	Português dos japoneses
p	p	p	p
t	t	t	t
[tʰ]/-i	[ts] <sup>2</sup> /-i [ts]/-u	[ts]/-i [ts]/-u	[ts]/-i
k	k	k	k
	[k] <sub>1</sub> /-i	[k] <sub>1</sub> /-i	[k] <sub>1</sub> /-i
b	b	b	b
d	d	d	d
[dʰ]/-i	[dz] <sup>3</sup> /-i [dz]/-u	[dz]/-i [dz]/-u	[dz]/-i
g	g	g	g
f	h	h	ɸ, f
	[ç]/-i [ɸ]/-u	[ç]/-i [ɸ]/-u	[h, ç] (caso)
v		b	b, β v <sup>4</sup> , v
s	s	s	s
	[ɸ] <sup>5</sup> /-i	[ɸ]/-i	[s]/-i [ɸ]/-i [s]/-i
ʃ	ʃ/-a, o, u	ʃ/-a, o, u	ʃ/-a, e, o, u
	[s]	[ɸ]	[ɸ]

Segmentos do Port.	Segmentos do Japonês	Realização Previsível	Português dos japoneses
z	z [dz]/-i [dz]/#-	z [dz]/-i [dz]/#-	z [dz]/-i [z] <sup>b</sup> /-i
ʒ	[dz]/-a,o,u	[dz]/-a,o,u	[dz]/-a,e,o,u [z]/-a,e,o,u
l [ω]/- \$		ɮ	ɮ, l [ω]/- \$ [ɮ]/- \$
r [h]		ɮ	ɮ [h]
ʃ [j]	ɮj	ɮj	ɮj, lj, j
ɮ	ɮ	ɮ	ɮ
m	m	m	m
n	n [ɲ]/-i [ŋ]/- \$	n [ɲ]/-i [ŋ]/- \$	n [ɲ]/-i [ŋ]/- \$
ɲ	ɲ/-a,o,u	ɲ/-a,o,u	ɲ/-a,e,o,u
i [ɿ]	i	i	i [ɿ]
e [ɿ]	e	e	e, e [ɿ]
ɛ a [ɜ]	a	ɛ a	ɛ, e ɛ, a ɛ, a [ɜ]
o		o	o, o
o [ω]	o	o	o, o [ω]
u [ω]	u [u]	u [u]	u [u, ω]

Destes dados podemos extrair as seguintes considerações:

1. os casos previsíveis, que se baseiam na produção da língua por meio do emprego de processos fonológicos da língua primária, nem sempre se concretizam, como ocorre com os segmentos /ts/, /dz/, /ʃ/.

2. os segmentos constantes em ambos os sistemas, que poderiam ser considerados "livres" de interferência não escapam da atuação deste fenômeno da interferência como é o caso de /ʃ/ / [ʃ] p  
— /ʃ/ /j [s] pj.

3. a interferência ocorre naqueles segmentos presentes apenas na língua secundária, como f, v, l, r, ʎ, ʒ.

### Não-ocorrência de interferência segmental

A interferência não ocorre nos segmentos presentes em ambas as línguas tais como: /p, t, k, b, d, g, m, n, s, z/ no ambiente seguido de /a, e, o, u/.

Verificamos também a não ocorrência de interferência nos segmentos [ts] e [dz], considerados sons caracterizadores da interferência do Japonês (Hooper, 1976). Este fato poderia ser atribuído à consciência que os falantes do Japonês têm com relação às diferenças existentes entre o [tu] e [du] do Português e o [tsu] e [dzu] do Japonês. Esta consciência levá-los-ia ao emprego do fonema /t/ no ambiente em questão, através da extensão da articulação de [t] diante de /u/.

Não temos registros destes sons nos dados dos nossos informantes, mas poderíamos considerar que estes segmentos estiveram presentes no Português dos japoneses em sua fase inicial de contacto com a língua, pelo menos naqueles falantes que tomaram contacto com o Português em idade já adulta. Esta constatação se baseia, por

um lado, na existência de falantes do Japonês, normalmente idosos, que tendem a realizar estes segmentos no Português; e, por outro lado, na realização do segmento /f/ do Português. Os falantes se valeriam, no primeiro momento, da distribuição alofônica de sua língua primária para interpretar os sons da língua secundária. A presença de [ h, ç, Φ ] nos dados de um informante, nos dá margem para fazer interpretações desta natureza. Se no caso de /f/ os japoneses passaram do emprego baseado na distribuição do sistema de sua língua primária para a generalização do emprego de [Φ] aos demais ambientes a, e, o, i, passando pela fase em que os sons eram realizados por meio da seqüência [Φu], no caso de [ts] e [dz] a sua substituição por [t] e [d] não deve ter oferecido dificuldades uma vez que estes sons estão presentes nos ambientes /a, e, o/ em Japonês: [ ta, tsi, tsu, te, to ] Fato semelhante ocorre com /s/ no ambiente seguido de /i/. embora ainda haja casos de emprego de [çi] baseados na distribuição alofônica do sistema do Japonês [ sa, çi, su, se, so ] Também nos segmentos palatalizados [ ç, çj, dç ] verificamos que os falantes conseguem estender a articulação destes segmentos no ambiente / e /.

Poderíamos dizer que estes casos de não ocorrência da interferência considerada previsível seriam conseqüência da percepção das diferenças alofônicas, através do contacto com o Português. Como as distinções alofônicas da língua primária são de difícil percepção aos falantes dessa língua, eles iriam tomar consciência dessas diferenças somente através do contacto com uma outra língua.

### Ocorrência de interferência segmental

Dentre os segmentos que sofrem interferência, podemos le-

vantar aqueles presentes em ambos os sistemas, sob o mesmo condicionamento, e aqueles que constam apenas da língua secundária.

Entre os primeiros, estão os segmentos que fonologicamente ocupam a mesma posição dentro de ambos os sistemas, mas que diferem foneticamente entre si. São os sistemas /k, t, d, s, n, z/ no ambiente seguido de /i/, e o segmento /ʃ/ em todos os ambientes.

Este fato poderia ser indicativo de que a vogal /i/ em Japonês, possui uma articulação mais anterior do que a correspondente em Português. Os segmentos palatalizados também parecem ter um ponto de articulação mais anterior do que em Português, porque os segmentos [ʃ] e [ʒ] do Português são normalmente realizados como uma fricativa alveolar palatalizada [s, z] pelos japoneses. (Ver Postura articulatória, pág. 7). Os falantes realizam os sons segundo a postura articulatória da sua língua primária, a que estão acostumados.

Este caso de interferência persiste por mais tempo na língua porque os falantes não têm consciência das diferenças fonéticas existentes entre os segmentos de ambas as línguas, uma vez que fonologicamente não oferecem distinções e apresentam condicionamentos iguais em ambos os sistemas.

Com relação aos segmentos que se verificam apenas no Português, eles são realizados através dos sons do Japonês, interpretados pelos falantes desta língua por meio de sons que mais se aproximam aos sons do Português. Pertencem a este grupo os segmentos /f, v, ʒ, l, r, ʎ/ que constituiriam para os japoneses segmentos de difícil realização porque o seu emprego implica uma aquisição de novos segmentos.

Embora estes segmentos tenham como característica a sua ausência no Japonês, verificamos que o processo pelo qual estes segmentos se manifestam difere em alguns pontos. Com relação aos segmentos /r, l, ʎ/ a interpretação destes sons pelos japoneses se baseia nos processos fonológicos de sua língua. Há um emprego subdiferenciado (cf. Weinreich) de [ɾ] para os sons [ɾ, l, e r] do português, e o [ʎ] é realizado pelo tap palatalizado [ɾj]

O segmento /f/ é interpretado pelos japoneses com base na adaptação do som [ϕ] (alofone de /h/, em Japonês) que possui os traços fricativos e labial como pontos em comum com a fricativa labiodental. Uma vez dominada a articulação de [ϕ] para todos os ambientes, a sua sonorização tornar-se-ia fácil, chegando-se com isso a um som próximo da labiodental sonora [v], por meio da bilabial [β]

A presença de sons na língua primária que possuem traços

semelhantes aos segmentos do Português, leva o falante ao emprego destes sons (reinterpretação dos sons, cf. Weinreich) e a estendê-los aos ambientes de que ele necessita, como acontece no caso de /f/, [ϕ] e /v/, [β]. Após esta "adaptação" dos sons da língua primária, os falantes podem chegar ao emprego de sons mais próximos ao segmento em questão, como a realização de [v].

O som [v] que interpretamos como decorrente da preocupação do falante em aproximar este som à articulação de /v/, seria consequência das dificuldades por que o japonês teria passado na comunicação com os falantes nativos. Essas dificuldades resultariam das realizações do tipo vovô/bobo; vento/Bento, etc. que por sua vez gerariam outros transtornos aos falantes de Japonês. Dados estes problemas eles passariam a se preocupar com a pronúncia deste segmento /v/ recorrendo ao [v].

O segmento /ʒ/ é interpretado pelos japoneses por [dz]. Entretanto, verificamos uma incidência muito grande de [z] que poderia ser determinada pelo estilo da fala informal quando o /ʒ/ diante de /i/ [dzi] p<sub>j</sub> seria realizado sem a africacão.

A conscientização das diferenças existentes em ambas as línguas poderia contribuir para a diminuição das interferências no Português dos japoneses. Essa conscientização poderia ser obtida por meio de uma orientação sistemática de produção dos sons. Nesse sentido, seria de importância a elaboração de uma metodologia específica para o ensino de Português para os falantes de Japonês que levasse em conta os problemas decorrentes das diferenças entre os sistemas em questão.

Por outro lado, os japoneses poderiam chegar à conscientização das diferenças através da pressão do meio social. Os japoneses que têm um contacto maior com a sociedade brasileira estariam expostos à discriminação, por parte dos falantes nativos, baseada na realização do Português. Este comportamento dos falantes nativos levaria os japoneses a terem uma atitude de maior preocupação com a pronúncia do seu Português.

### Postura articulatória

Um fato que chamou a nossa atenção durante a transcrição dos dados foi a presença constante de alguns segmentos com articulação mais anterior do que a realizada pelos falantes nativos do Portu-

guês. Ex.: [j, ʃ, ʒ] Como se tratou de um fato presente na fala de todos os informantes, consideramos estas ocorrências como decorrentes da interferência do Japonês, mais propriamente da influência da postura articulatória do Japonês.

A presença destes segmentos caracterizados por uma articulação mais anterior poderia levantar as seguintes questões:

- se a anteriorização ocorre somente nestes segmentos, qual a razão desta característica;
- se, por outro lado, esta característica se estende aos demais segmentos, qual seria, então, a razão de se perceber este fato apenas nestes segmentos.

Para Honikman (1964), a postura articulatória consiste no arranjo e manobra dos órgãos da fala para a realização do enunciado natural. Como a postura articulatória difere de língua para língua, a observação deste fator viria facilitar a apreensão fonética dos segmentos de uma determinada língua, uma vez que se poderia dar indicações sobre o “caráter fonético e timbre específico de uma língua” (pág. 73).

O nosso propósito é apenas de registrar a existência do problema que deverá ser levado em conta no estudo da interferência.

Um estudo preciso para este tipo de problema exigiria um exame baseado na radiografia da cavidade bucal no ato da realização de cada segmento. Embora o experimento espectrográfico não fosse adequado para testagem desta natureza, tentamos uma análise com os dados de três informantes (um informante Japonês, um informante campineiro e um nissei), passando-os no espectrógrafo.

Os dados foram extraídos da leitura de 10 frases curtas em Português. Para o primeiro exame analisamos apenas duas frases (Ela chegou sozinha; Nasci no interior de São Paulo), através das quais pudemos constatar:

a) as vogais / i, e, ε, a / do informante japonês são mais anteriores do que as do falante nativo. (a vogal /u/ não constou nos dados observados, e quanto à vogal /i/ do informante nativo não pudemos medir a frequência 2).

b) as consoantes / ʃ / e /s/ são mais anteriores no informante japonês.

c) as vogais anteriores do informante nissei são menos anteriores do que as do informante Japonês e mais anteriores do que as do informante nativo.



Foi uma testagem rápida em que a análise não se estendeu a todos os segmentos, mas deu-nos pistas e indicações mais concretas sobre o problema. Embora os dados tenham sido quantitativamente insuficientes, observamos que a postura articulatória do Japonês, pelo menos para alguns segmentos, é mais anterior do que a do falante nativo, segundo a comprovação de que as vogais anteriores e médias, e algumas consoantes (j, s) têm uma articulação mais anterior.

Estas constatações nos deram indicações para que mais um aspecto seja considerado no estudo da interferência do Japonês em termos suprasegmentais: o da postura articulatória. A investigação deste aspecto será de importância para a Lingüística Aplicada ao Ensino de Português para os falantes de Japonês, e do Japonês para os falantes de Português, na medida em que dá subsídios para um ensino que leva em consideração as diferenças de difícil percepção para os falantes/ouvintes de ambas as línguas. Este problema exigiria uma investigação mais elaborada com um número maior de informantes e de dados para se obter uma comprovação mais fundamentada com vistas a tentar responder às indagações propostas acima.

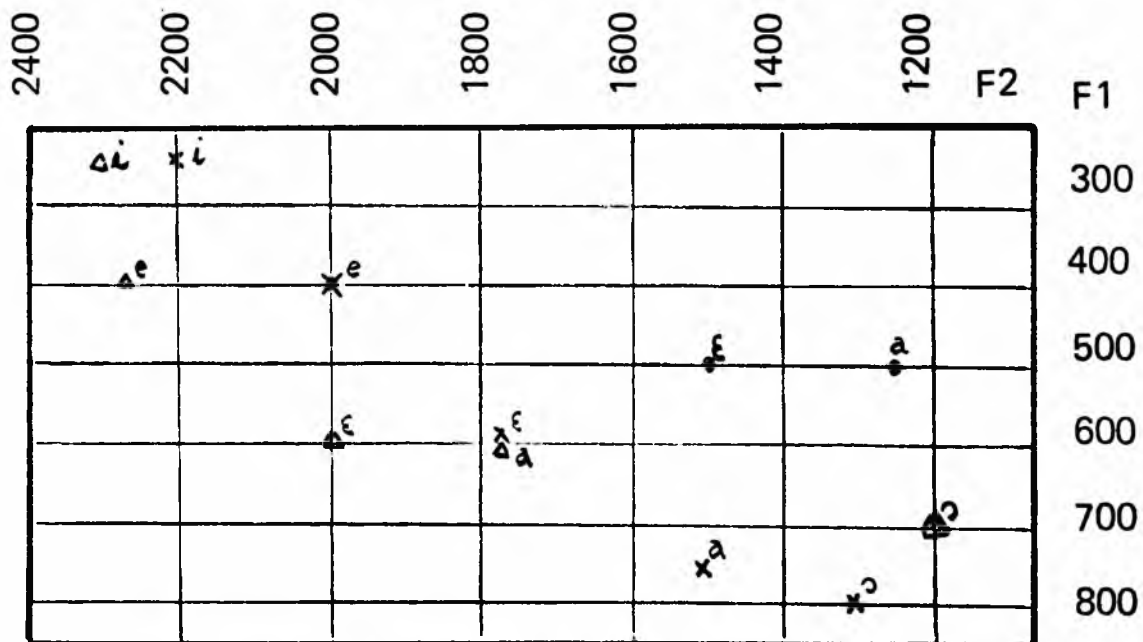
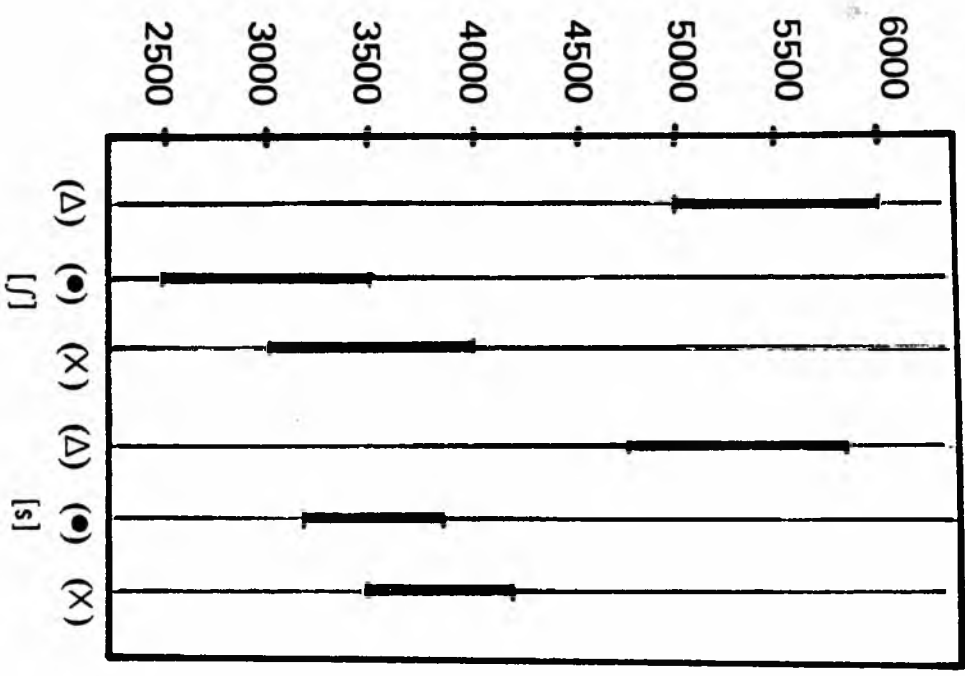


Figura I – Vogais i, e, ε, a, o



- (Δ) inf. japonês
- (●) inf. campineiro
- (x) inf. nissei

Figura II – Consoantes  $\int$  e s

1. Número de informantes entrevistados.

## NOTAS

2. tɕ – através da africada alveolar palatalizada surda queremos indicar tɕ̥ isto é, uma africada palato-alveolar surda com ponto de articulação mais anterior.
3. dz – através da africada alveolar palatalizada sonora queremos indicar dʒ̥.
4. v – constrictiva bilabial.
5. ɕ – através da fricativa alveolar palatalizada surda queremos indicar ɕ̥.
6. ʒ – através da fricativa alveolar palatalizada sonora queremos indicar ʒ̥.

## BIBLIOGRAFIA

- ARISAKA, H., 1969. *On-in-ron* (Fonologia). Tóquio: Sanseido.
- BLOCH, B., 1968. "Studies in Colloquial Japanese IV – Phonemics", in M. Joos (org.), *Readings in Linguistics I*. Chicago: The University of Chicago Press.
- CAGLIARI, L. C., 1981. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. Tese de Livre Docência – UNICAMP.
- CÂMARA JR., J. M., 1971. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: ed. Vozes.
- , 1977. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- HATTORI, S., 1976. *Gengogaku no Hoho* (Métodos Lingüísticos). Tóquio: Iwanami.
- HENSEY F. G., 1972. *The Sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan Border*. Haia: Mouton.
- HONIKMAN, B., 1964. "Articulatory Settings", in D. Abercrombie (org.), *In Honour of Daniel Jones*. Londres: Longmans.
- HOOPER, J. B., 1976. *An Introduction to Natural Generative Phonology*. Nova Iorque Academic Press.
- JOUO, H., 1977. "Gendai Nippongo no On-in" (Fonemas do Japonês Moderno). In Ono, S. e T. Sibata (orgs.), *Nippongo* (Língua Japonesa), vol. 5, "On-in" (Fonologia). Tóquio: Iwanami.
- NAGARA, S., 1972. *Japanese Pidgin English in Hawaii – A Bilingual Description*. Hawaí: The University Press of Hawaii.
- SEZAKI, N. H. 1980. *Um estudo fonético dos problemas de pronúncia dos imigrantes de Tóquio em Mogi das Cruzes*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Mogi das Cruzes.
- WEINREICH, U., 1970. *Languages in Contact*. Haia: Mouton.